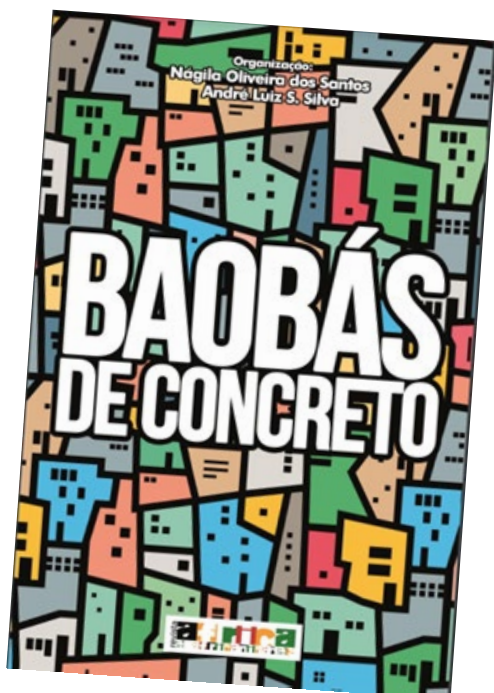


RESENHA

A poética interseccional de “Pega a visão”, de Yara Sereya em Baobás de Concreto.

Por Carla Santana ¹



O poema “Pega a visão”, da escritora negra Yara Sereya, publicado na coletânea Baobás de concreto, Editora Revista África e Africanidades (2022) é uma contundente manifestação poética de resistência, ancestralidade e afirmação identitária. Inserido na coletânea *Baobás de concreto*, obra organizada por Nágila Oliveira dos Santos e André Luiz dos Santos Silva, que reúne vozes negras contemporâneas em diálogo com a urbanidade e a herança africana, o texto se ergue como um grito de denúncia e, ao mesmo tempo, um gesto de cura e fortalecimento coletivo.

Logo nos primeiros versos, a autora desarma o olhar romantizado com que a sociedade costuma revestir as mulheres negras — “*Dizem que sou rainha. / Que sou deusa / Dizem que sou maravilhosa / Mas onde o respeito mora nessa joça?*”. Aqui, a ironia é ferramenta crítica: o discurso social que exalta a mulher negra em símbolos de força e beleza é confrontado pela realidade da desvalorização e da violência cotidiana. O poema desmistifica a idealização e devolve à mulher negra sua humanidade, feita de dor, luta e dignidade.

A poeta inscreve sua trajetória de vida como corpo-texto, um espaço onde as marcas da exclusão, do racismo e do sexismo se cruzam com a potência da sobrevivência. Ao afirmar “*Já fui presa. Já fui glamour, parei na Globo. / Não é mérito, apenas minha história*”, Yara Sereya recusa as narrativas de sucesso como forma

¹ Graduada em Letras Português/ Espanhol. – UERJ.

de legitimação social e reafirma o direito de existir fora dos estereótipos e das expectativas brancas e patriarcais.

A dimensão autobiográfica atravessa o poema, mas o “eu” que fala não é individual: é coletivo, ancestral, político. “*Sou filha de Yansã / Raspada e catulada*”, escreve, evocando a força das divindades afro-brasileiras e reinscrevendo a espiritualidade negra como fonte de identidade e resistência. Essa presença das orixás, especialmente de Yansã e Nanã, reforça o caráter de religação entre corpo e território, entre passado e futuro, entre dor e sabedoria.

O poema também opera como manifesto ético e social. Ao denunciar as violências sofridas — “Já fui estuprada, abusada, assediada, violentada” — e afirmar “*Não peço esmola de afeto, nem tão pouco de respeito*”, a autora se posiciona como sujeito político que exige reconhecimento, e não piedade. A escrita é instrumento de enfrentamento, não de vitimização.

Em “Pega a visão”, Yara Sereya constrói uma poética de resistência afro-feminina e interseccional. O verso “*Transgeneridade é sinônimo de transformação*” amplia o escopo do poema, que não se limita às fronteiras da identidade cisgênera, mas acolhe as múltiplas corporalidades negras marginalizadas. Assim, a autora faz de sua arte um espaço de inclusão, onde o respeito às diferenças é um princípio de justiça ancestral.

O tom oral do poema — marcado por expressões cotidianas, interjeições e conselhos: “*Fica a dica da tia Yara: / Mais respeito, pega visão!*” — reforça a proximidade com a cultura periférica e com a tradição da fala como forma de resistência. Essa oralidade é herança das griôs e dos quilombos: a palavra falada que ensina, protege e convoca à ação.

Por fim, o texto se encerra em tom de celebração e esperança: “*Somos luzes, somos terra / Nossa África aqui impera*”. Nesse fechamento, o poema reafirma o pertencimento à diáspora africana e propõe uma utopia possível: uma sociedade fundada em *justiça ancestral* e em *respeito coletivo*.

“Pega a visão” é, portanto, um poema-manifesto. Nele, Yara Sereya entrelaça memória, espiritualidade e militância em uma escrita que é denúncia e encantamento. Sua voz — firme, poética e insurgente — ecoa as múltiplas faces da mulher negra contemporânea: sobrevivente, artista, filha de orixá e portadora de uma sabedoria que insiste em transformar dor em poesia.

Em síntese, a obra é um convite à escuta e à ação: mais do que ler o poema, é preciso *pegar a visão*.